



Saranda Bogujevci  
buscou forças na  
cidade inglesa que  
abriu seu coração para  
ela no momento em  
que mais precisava.



# **"É ele o assassino da minha família!"**

**Milagrosamente  
resgatada de um  
massacre em Kosovo,  
Saranda, 13 anos,  
começou vida nova  
na Inglaterra. Até  
que um dia, quatro  
anos depois, seu  
passado voltou para  
atormentá-la.**

**POR DAVID GRITTEN**

**A**S RUAS em geral agitadas de Podujevo, nas colinas arborizadas de Kosovo, próximo à fronteira sérvia, encontram-se estranhamente calmas. Há dias que se ouvem rumores de que as forças paramilitares sérvias acampadas nos arredores da cidade vieram para “limpar” a área dos albaneses étnicos.

Numa casa da Rua Ivana Kosancica, Sala Bogujevci e a cunhada Shefkate sentam-se, tensas e assustadas. Na véspera, elas imploraram a seus maridos: “Vão para as colinas e escondam-se ou os sérvios os matarão.” Sabendo que os sérvios normalmente

unidade paramilitar sérvia. Saranda fica paralisada de medo. *Eles estão vindo para nossa casa!*

Ela corre para ajudar a recolher as crianças, que se reúnem perto das mães, agarrando-se a elas, enquanto homens armados invadem a casa. Os soldados os conduzem com outra família até o jardim murado de um vizinho. “Retirem os véus!”, um dos homens grita. Eles começam a revisar as mulheres e crianças. No bolso da calça do irmão de Saranda, Shpetim, 9 anos, um dos Escorpiões encontra bolas de gude e as joga no chão. “Agora pegue-as”, grita com o menino. Sala – ex-aluna de medicina que desistiu da carreira para criar os três filhos – abaixa-se para pegar as

## **Ela crava o olhar no rosto de um dos assassinos – um homem alto, de queixo quadrado e olhos frios.**

deixavam mulheres e crianças em paz, os homens fugiram, relutantes.

Neste momento, seus filhos brincam silenciosamente dentro de casa. A menina de cabelos escuros, Saranda, 13 anos, tem idade para compreender o perigo. Sente o estômago embrulhar ao ouvir o ruído de vidros quebrados na rua e o som de gritos e xingamentos. Pela janela, vê cerca de 20 homens se aproximando. Eles têm cabelos compridos, barba por fazer e usam as roupas de camuflagem dos Escorpiões, a temida

bolas de gude do filho. Shefkate implora, “Por favor! São apenas crianças.” Em resposta, um soldado bate nela, jogando-a no chão, dá um passo atrás, levanta seu rifle.

*Não!* O grupo grita enquanto ele abre fogo. Saranda abraça fortemente seu primo Fatos, 12 anos. Os outros soldados começam a atirar. Vários tiros atingem as mulheres e crianças. Saranda cai e escorrega pelo muro, corpos caindo em cima dela. Enquanto cai, ela crava o olhar no rosto de um dos assassinos – um ho-



**Do álbum de família: à direita, Saranda; à esquerda, a prima e melhor amiga, Nora, morta no massacre.**

mem alto, de queixo quadrado e olhos frios. Ele está gritando ordens.

Finalmente o tiroteio pára e vem o silêncio. Saranda ouve apenas o ruído de alguém tentando respirar. Seu irmão Shpetim está caído, enrolado em suas pernas, a cabeça explodida.

Ela ouve o som de um novo pente de munição sendo enfiado no rifle. Saranda instintivamente protege a cabeça com o braço esquerdo, enquanto mais balas dilaceram os corpos em torno dela.

**Quando o avião** se prepara para o pouso em Manchester, Saranda vê as luzes se estendendo escuridão adentro. Já se vão quatro meses desde o massacre. Saranda foi puxada da pilha de corpos ainda com vida. Também o foram os primos Fatos e sua

irmã Jehona, 10 anos, e o irmão Genc, 6. Mas a mãe, os irmãos e a avó de Saranda foram todos mortos.

As crianças foram resgatadas de um hospital de Pristina, despojado de equipamentos, pelo cirurgião do exército inglês tenente-coronel David Vassallo, depois que as tropas da OTAN libertaram Kosovo em 12 de junho de 1999. Vassallo enviou por *e-mail* detalhes dos ferimentos das crianças para os médicos na Inglaterra. Quando os especialistas Stuart Watson e Jim Bruce de Manchester se ofereceram para realizar as cirurgias, foi arranjada a viagem das crianças até lá.

O pai de Saranda, Safet, e o tio, Selatin, também estão no avião, reunidos com as crianças após Saranda conseguir enviar um bilhete de seu leito no hospital.

**Do aeroporto**, Saranda e os primos foram levados para o Hospital Withington de Manchester. Stuart Watson e Jim Bruce perceberam a extensão de seus ferimentos. O braço esquerdo de Saranda recebeu 13 balas e ela levou tiros na perna e costas. Mas Watson disse a ela delicadamente: “Há muito que podemos fazer para ajudá-la.”

Durante a operação de 13 horas de duração, ele começou a emendar e consertar os ossos despedaçados, reconectar nervos e pegar enxertos de pele de suas costas para reconstruir os tecidos rompidos.

Watson também realizou cirurgias em Jehona, ferida nos ombros,

no braço e na perna. Genc e Fatos foram tratados dos ferimentos em ambas as pernas.

Lirie, 8 anos, foi encontrada em Belgrado pelos funcionários da Cruz Vermelha. O ferimento em seu pescoço significava que teria de ser alimentada pelo estômago até que também fosse operada em Manchester.

Cada um deles começou a se re-



cuperar, embora o processo fosse lento e as cirurgias, muitas. Fora do hospital, eles se mudaram para um centro de refugiados. As crianças, ainda fracas, eram levadas de táxi para a escola onde estudavam numa pequena unidade independente de crianças de Kosovo.

Uma das primeiras visitantes foi Pam Dawes, voluntária da instituição de caridade Manchester Aid to Kosovo (MaK), formada por pes-

soas da região. Saranda achava a vida numa cidade plana estranha, mas disse a Pam: “Estou feliz de estarmos em Manchester. Estamos seguros aqui.” Um novo amigo, o pastor metodista Bruce Thompson, ajudou a família a lidar com seu sofrimento.

**Saranda aprendeu** inglês mais rápido do que os outros e por meio dela eles começaram a se conectar com o novo mundo. Auxiliados por Thompson e pela MaK, mudaram-se para duas casas – Saranda e Safet em uma, Selatin e seus quatro filhos na outra. Saranda tornou-se mãe e irmã mais velha dos primos.

Pequenos atos de bondade foram importantes para ajudar os Bogujevcis a se integrar a suas novas vidas. No Natal, Pam Dawes levou para cada uma das crianças uma enorme caixa de chocolates, presente da MaK. Após a terceira operação de Saranda, seu tutor de inglês, Bernard Brown, alegrou-a com um cartão de votos de melhoras escrito num esmerado albanês aprendido com os refugiados.

No seu primeiro dia no colégio tradicional, Saranda tentava entender a grade de horários quando uma menina de cabelos vermelhos e encaracolados sentou-se ao seu lado: “Vamos ver.” Momentos depois, ela acompanhava Saranda até sua sala.

Os primos aprendiam os itinerários dos ônibus, faziam pequenas compras nas lojas próximas e adquiriam o sotaque local. Sua nova rotina era confortadora depois do que tinham passado.



**Vida normal em Manchester: as primas Lirie, à esquerda, Jehona, vestida para um baile, e Saranda.**

**Nada, porém,** preparara Saranda, agora uma atraente jovem de fala suave, para as notícias que receberia no início de 2003, por meio de um advogado de direitos humanos sérvio, Natasa Kandic. Sasa Cvjetan, paramilitar e membro proeminente do submundo do crime de Belgrado, deveria ir a julgamento por sua participação no massacre daquele dia em Podujevo e, como as cinco crianças Bogujevci eram os únicos sobreviventes, Kandic estava ansioso para que elas fossem a Belgrado testemunhar.

Safet e Selatin sabiam que era importante para as crianças conseguir justiça para o assassinato dos parentes. Mas a expectativa de estar cara a cara com um dos Escorpiões no tribunal era aterrorizante.

O julgamento estava para começar

quando, em 12 de março de 2003, o primeiro-ministro sérvio foi assassinado em Belgrado. O julgamento foi adiado. “Se os sérvios não conseguem proteger o primeiro-ministro”, disse Safet, “também não serão capazes de nos proteger. Tenho medo pelas crianças.”

Seus pais perguntaram se elas poderiam testemunhar por meio de um sistema de teleconferência, de Manchester, mas isso foi negado. Eles pediram proteção à ONU em Belgrado, mas não era possível forças armadas estrangeiras entrarem na Sérvia.

Enquanto a família tentava tomar a decisão, eles visitaram Podujevo para inaugurar uma placa no jardim, marcando o quarto aniversário do massacre. Era a primeira vez que Saranda voltava. Ela viu as marcas de tiros no muro. “É como se estivesse aqui com eles – minha mãe, minha avó, meus irmãos, minha tia, meu primo, todo mundo. Posso ver tudo...”

Mais uma vez ela ouviu Genc gritar “Veja o que eles fizeram” e olhar para Shpetim enrolado em suas pernas, sua cabeça estourada. Em seu pesadelo, Saranda Bogujevci buscou uma nova determinação. Ela voltaria a Belgrado para impedir que tal horror acontecesse a outros.

**A porta do avião** abriu-se no aeroporto de Belgrado num dia de julho de 2003. Os primos encolheram-se quando viram homens armados na pista. O terminal inteiro tinha sido fechado. Um comboio de jipes e carros com janelas escurecidas estava esperando do lado de fora com 30 oficiais armados da unidade especial da Sérvia de proteção a testemunhas que os acompanharia durante o tempo todo.

Quando Natasa Kandic explicou às crianças o que aconteceria no tribunal, Genc, com apenas 10 anos e uma bala ainda alojada na virilha, implorou: “Não quero ver seus rostos, não quero ficar.” Um parente o levou para Kosovo, onde ficou durante todo o julgamento.

Para os outros, os cinco dias em Belgrado foram penosos. Primeiro, cada uma das crianças teve de identificar Cvjetan separadamente. Na prisão estadual de Belgrado, eles olharam, sucessivamente, através de um vidro espelhado para os cinco prisioneiros perfilados do outro lado.

Tatuados e musculosos por causa das longas horas de exercícios atrás das grades, os homens tentavam confundir as crianças. Quatro deles rosnavam, ameaçadores, enquanto Cvjetan, com os cabelos agora cortados à escovinha, sorria. Mas Lirie, que ainda aguardava os ferimentos do pescoço sararem o suficiente para permitir uma cirurgia plástica, afirmou sem pestanejar: “É ele! O da blusa vermelha!” Todos os primos identificaram Cvjetan como o assassino.

Finalmente, chegou a vez de Sa-



**Sasa Cvjetan chega ao tribunal, acusado do homicídio de 19 civis albaneses em 28 de março de 1999.**

randa testemunhar no tribunal. De camiseta preta e *jeans*, ela entrou na sala de audiências 3 do Tribunal do Distrito de Belgrado e ocupou o lugar do lado oposto ao da juíza sérvia. Ela sentia calor – o tribunal estava abafado – e receio acerca do interrogatório que ia enfrentar. Dirigiu o olhar para Cvjetan. Ele estava sentado a poucos centímetros dela, mais ou menos a mesma distância em que estava quando massacrara a família.

Enquanto um ex-Escorpião relatava ao tribunal como viu Cvjetan apressadamente recarregar a arma, Saranda lembrou-se de seu pai dizendo a ela que contou 97 cápsulas de projéteis descarregados no jardim.

Ela deu seu testemunho em in-

glês, com um intérprete da ONU ao seu lado. Ainda com a aparência frágil – após enxertos de pele e cinco cirurgias –, falou com firmeza e determinação: “Eu tinha 13, quase 14 anos. Morávamos numa casa...”

Durante duas horas ela descreveu o massacre sem vacilar, apoiando o braço esquerdo no braço sem ferimento. “A cabeça de meu irmão estava nas minhas pernas... depois ouvi um de meus primos gemer de dor.” Em determinado momento, seu intérprete teve de parar e afastar-se antes de poder continuar. “Ele jogou fora seu fuzil [descarregado] e pegou a arma de outra pessoa... quando escorreguei para o chão, ele ainda estava atirando e me acertou duas vezes.”

Saranda olhava para Cvjetan com frequência enquanto falava. Nem uma vez ele olhou para ela. Finalmente ele estava tendo de enfrentar o que fizera à sua família. “Eu me lembro dele”, disse Saranda. “Reconheço a expressão em seus olhos.”

**Oito meses depois** de seu sofrimento, os Bogujevcis estavam de volta a Manchester quando receberam a notícia pela qual ansiavam – em março do ano passado, Cvjetan foi considerado culpado e sentenciado a um máximo de 20 anos na prisão.

As crianças e seus pais se abraçaram com alívio; sua coragem extraordinária tinha conseguido justiça para seus entes queridos. Elas foram as primeiras crianças a testemunhar em um julgamento de crimes de guerra, e, em reconhecimento, a Fundação Anne Frank do Reino Unido agradeceu-as com um prêmio internacional pela coragem moral. “Parece incrível que estes adolescentes tenham encontrado força para voltar à sua terra natal”, disse o locutor Michael Buerk, ao ler a menção honrosa.

Saranda nunca esquecerá a tragédia, mas o pesadelo chegou ao fim. “Eu queria dizer a estas pessoas que eles jamais conseguirão nos derrotar e destruir esta família.”

---

*Agora com 19 anos, Saranda prestou provas para entrar na faculdade e está fazendo lobby junto ao governo canadense para que extraditem outro Escorpião procurado em conexão com o massacre. Com a ajuda da MaK e do Eden Project da Cornualha, ela também está construindo um “parque da paz” de 90 mil m<sup>2</sup> em Podujevo. Plantado com as flores que a avó adorava, é conhecido como o Manchester Peace Park, em homenagem à cidade inglesa que abriu o coração para sua família na hora em que mais precisavam.*

## ISSO NÃO PODE

De uma circular de colégio: “Pais, se seus filhos estiverem indo à biblioteca de manhã, lembrem-se de que os alunos devem trazer um livro de casa. Muitos alunos têm vindo à biblioteca e tentado pegar livros nas estantes para ler.”

JACQUE MORAN STRIKE, EUA